

QUATRO DÉCADAS EM MOVIMENTO: A Evolução dos Videoclipes de Madonna

FOUR DECADES IN MOTION: The Evolution of Madonna's Music Videos

João Paulo Pacheco RODRIGUES¹

Resumo: Madonna, celebra quatro décadas de uma carreira distinta, marcada por sua capacidade de adaptação e inovação. Este estudo examina a trajetória videográfica da cantora através de cinco videoclipes: *Material Girl*, *Like a Prayer*, *Erotica*, *Hung Up* e *Dark Ballet*. Essas obras ilustram diversidade de estilos e temáticas que a artista explorou dentro do universo pop. Desde a ascensão da MTV até a consolidação das plataformas digitais, Madonna tem exercido uma influência na evolução do videoclipe, transformando-o de mero instrumento promocional em uma expressiva forma de arte. Sua obra desafia constantemente as convenções sociais e culturais, provocando reflexões e diálogos, além de inspirar várias gerações através de suas poderosas narrativas visuais.

Palavras-Chaves: Madonna, Videoclipe, fontes históricas, Produção Cultural.

Abstract: Madonna celebrates four decades of a distinguished career, marked by her capacity for adaptation and innovation. This study examines the singer's videographic trajectory through five music videos: "Material Girl," "Like a Prayer," "Erotica," "Hung Up," and "Dark Ballet." These works illustrate the diversity of styles and themes that Madonna has explored within the pop universe. From the rise of MTV to the consolidation of digital platforms, Madonna has influenced the evolution of the music video, transforming it from a mere promotional tool into an expressive art form. Her work consistently challenges social and cultural conventions, provoking reflections and dialogues, and inspiring multiple generations through her powerful visual narratives.

Keywords: Madonna, Music Video, historical sources, Cultural Production.

Introdução

A história, enquanto disciplina, sempre se alicerçou na utilização de diversas fontes primárias e secundárias para decifrar e interpretar o passado. Enquanto documentos escritos, artefatos arqueológicos e registros orais são tradicionalmente valorizados, o século XX introduziu uma gama de novos meios e mídias. Dentre estes, o videoclipe, comumente associado ao entretenimento musical, emergiu não apenas como um meio artístico, mas também como uma valiosa fonte primária para análise histórica.

Os videoclipes surgiram como uma forma de promoção musical nas décadas de 1960 e 1970, alcançando grande destaque nos anos 1980 com o advento de emissoras como a MTV. Com o passar do tempo, tornaram-se mais do que meras representações

¹Professor Adjunto A do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Acre – UFAC. Doutor em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Vice-Coordenador do Grupo de Pesquisa: Patrimônio Histórico e cultural entre fronteiras e disputas: América Latina, Pan-Amazônia, Educação e povos indígenas e não indígenas - PAHFI - APEINI. E-mail: joao.pacheco@ufac.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7528-4049>.

visuais de canções, incorporando narrativas complexas, simbolismo cultural e comentários socioeconômicos.

Os videoclipes tornaram-se um novo referencial para a apreciação estética da música associada a uma forma de oferecer um produto ao consumo. Inegavelmente, pela indústria fonográfica, vídeos musicais são formas de exposição de um produto que está à venda, um apelo ao consumo. Sua estética une técnicas apuradas do cinema e da publicidade, a liberdade de criação de *film makers* e um universo simbólico que visa à expressão do sentido da canção e da personalidade do artista (Brandini, 2006, p. 4).

Assim, ao observarmos um videoclipe, estamos não apenas consumindo uma peça musical, mas também recebendo *insights* sobre os contextos cultural, social e político de sua época de produção

Um exemplo é o videoclipe *Thriller* de Michael Jackson, lançado em 1983. Mais do que uma produção visual inovadora, ele reflete o fascínio da cultura pop americana com filmes de terror e a cultura de consumo da década de 1980. De forma mais profunda, videoclipes muitas vezes abordam questões de identidade, gênero, raça e classe, servindo como espelhos dos debates e discursos predominantes em determinados períodos.

Assim como qualquer outra fonte primária, é crucial abordar os videoclipes com uma lente crítica. Uma análise interdisciplinar pode ser particularmente útil, combinando métodos da história cultural, estudos de mídia e teoria crítica.

O videoclipe, assim como “o cinema é uma arte que encanta milhares de pessoas e não pode passar despercebido das reflexões dos historiadores e também não pode ser ignorado por aqueles que desejam tornar a aprendizagem mais estimulante” (Cano, 2012, p.31).

Foi com a MTV que o videoclipe se popularizou no mundo todo, sendo um instrumento de comunicação entre artista e público. Nesse âmbito, poucos artistas moldaram e definiram o que se entende desse produto como Madonna. A cantora não apenas elevou o videoclipe de um mero veículo promocional a uma forma de arte em si, mas também desafiou normas sociais, despertou controvérsias e influenciou gerações através de suas representações visuais.

Como Jackson, Madonna percebeu a força de um videoclipe criativo na promoção do produto, tanto quanto do artista. E através de um uso criativo e inteligente do vídeo, rádio televisão, revistas, filmes e livros, Madonna presenteou o mundo com tal espectro de imagens, sendo capaz de agradar públicos diferentes (Friedlander, 2003, p. 34).

Produtos comerciais como os vídeos *Material Girl*, *Like a Prayer*, *Erotica*, *Hung Up* e *Dark Ballet* destacam-se não apenas como testemunhos da evolução artística de

Madonna, mas também como representações da cultura POP. Nesse artigo faremos uma reflexão do legado cultural da artista que em 2023 comemorou 40 anos do lançamento do seu primeiro álbum, analisando os vídeos supracitados.

Cumpramos lembrar que nesse artigo, a análise dos vídeos passou pelo rigor metodológico de autores que versam sobre a produção cinematográfica como fonte, uma vez que entendemos o videoclipe e o cinema, embora distintos em forma e propósito, constituem fontes históricas valiosas, oferecendo perspectivas únicas sobre os contextos culturais, sociais e políticos de suas respectivas épocas. Ambos compartilham a capacidade de refletir e moldar as sensibilidades e as narrativas de seu tempo, tornando-se assim instrumentos indispensáveis para o historiador moderno interessado em decifrar os matizes da história humana através de suas manifestações visuais e sonoras.

Para além dos aspectos externos Martin (2005), analisa os códigos linguísticos da produção cinematográfica, assim como toda forma de expressão que o integra socialmente. Segundo o autor, inicialmente o cinema tratava-se apenas de um espetáculo filmado ou reproduzido a partir do “real”; aos poucos tornou-se linguagem, ou seja, “um processo de conduzir uma narrativa e de veicular ideias” (Martin, 2005, p. 22).

Na mesma linha de argumentação, Aumont (2012, p. 53-55), salienta que a importância da montagem se revela por atribuir significados às cenas, uma vez que ela constitui da justaposição de imagens com intuito de sequenciar a narrativa, como poderemos observar na produção de videoclipe de Madonna. Além da análise da montagem, o autor chama a atenção para a necessidade de o pesquisador estar atento a aspectos que compõem a imagem como, por exemplo, os planos, enquadramentos, figurinos, cores e cenários.

Ao tratar videoclipes e filmes como fontes históricas, é crucial não apenas decodificar suas mensagens e imagens, mas também situá-los dentro de uma rede mais ampla de práticas culturais e discursos sociais. Essa abordagem permite que os historiadores utilizem essas fontes visuais não apenas para entender como as pessoas viam seu mundo, mas também como essas representações ajudaram a moldar a realidade em que viviam.

Contextualização da Jornada Artística de Madonna.

Madonna Louise Ciccone, mundialmente conhecida pelo nome artístico Madonna, emergiu no cenário musical na década de 1980, estabelecendo-se como uma das figuras centrais de sua geração na indústria do entretenimento. Sua obra não se limitou

ao campo musical, estendendo-se à esfera dos videoclipes, onde contribuiu para alterar as dinâmicas de percepção e consumo de conteúdo audiovisual.

Nascida em 1958, em Bay City, Michigan, Madonna mudou-se para Nova York em 1978, objetivando a carreira de dançarina profissional. A cidade funcionou como um ambiente propício para o desenvolvimento tanto de suas habilidades em dança quanto de sua identidade musical. Durante esse período, Madonna integrou diversos agrupamentos musicais e de dança, refinando sua perspectiva para uma carreira solo.

Segundo Lucy O'Brien (2008), após sua mudança para Nova York com o intuito de seguir a carreira de dançarina, Madonna iniciou sua integração à cena musical local e à colaboração com várias bandas. Nesse contexto, ela começou a criar seu próprio material. Através dessas interações, conheceu Mark Kamins, DJ e produtor que reconheceu o potencial em sua música e voz.

Kamins facilitou o encontro de Madonna com Seymour Stein, co-fundador da Sire Records. Stein, após ouvir as demos apresentadas por Madonna, decidiu assinar um contrato discográfico com ela. Antes de avançar para a gravação de um álbum completo, Madonna lançou alguns singles, iniciando com "Everybody" em 1982, que alcançou um sucesso nas paradas de música dance, seguido por "Burning Up", que também obteve desempenho favorável.

Após a avaliação inicial de seus singles, a Sire Records autorizou Madonna a prosseguir com a gravação de um álbum completo. No processo de criação de seu primeiro álbum, intitulado com seu nome, Madonna colaborou com Reggie Lucas, um produtor com experiência prévia em trabalhos com artistas como Stephanie Mills e Roberta Flack.

Conforme destacado por Lucy O'Brien (2008), durante a produção do álbum, ocorreram divergências entre Madonna e Lucas quanto à direção musical de algumas faixas. Posteriormente, após a gravação de várias músicas, Madonna convidou John "Jellybean" Benitez, um profissional com quem tinha afinidade, para auxiliar na remixagem e finalização do álbum. Lançado em 1983, o álbum "Madonna" teve uma recepção inicial moderada, mas com o tempo alcançou sucesso, dando origem a faixas de destaque como "Holiday", "Lucky Star" e "Borderline". Essas músicas foram determinantes para consolidar a posição de Madonna no cenário pop, além de serem cruciais para o lançamento de sua carreira musical e para estabelecê-la como uma artista inovadora.

Paralelamente ao lançamento do álbum de estreia de Madonna, a MTV surgia como o primeiro canal de televisão dedicado exclusivamente à programação musical

durante 24 horas, transformando significativamente o consumo de música e a própria indústria musical. A emergência dessa nova plataforma demandava um novo tipo de estrela pop, que se destacasse não apenas pela qualidade sonora, mas também pela apresentação visual provocativa. Madonna, com sua habilidade em performances e sensibilidade para tendências visuais, adequava-se perfeitamente a esse novo modelo. Nesta época, a MTV, uma emissora de televisão dedicada exclusivamente à música, estava em seu auge, e Madonna soube como ninguém aproveitar esse veículo para disseminar sua arte. Antes da MTV, a música raramente era acompanhada de uma apresentação visual consistente. Com a ascensão da emissora, os videoclipes tornaram-se uma ferramenta essencial para os artistas. Madonna compreendeu rapidamente a importância deste meio.

Segundo Gasparelli (2009, p. 26):

O videoclipe firmou-se, ao longo do tempo, como uma importante peça para promoção e divulgação de um artista e de sua música. Sua linguagem abrangente, somada ao poder de alcance da televisão, faz com que o público, cada vez mais, sintam-se fascinados pelo novo meio que se apresenta. O videoclipe serve de maneira muito eficaz à distribuição em massa de produtos culturais.

Madonna a Garota Materialista

Dentro do contexto da cultura pop da década de 1980, o videoclipe "Material Girl" de Madonna não se destaca somente pela sua melodia cativante, mas também pelo seu significativo impacto na percepção da sociedade acerca da feminilidade, consumismo e identidade. Este trabalho não apenas alcançou sucesso nas paradas musicais, mas emergiu como uma expressão cultural significativa.

A década de 1980 foi caracterizada por uma aceleração da globalização, avanços tecnológicos e um período de expansão econômica, particularmente nos Estados Unidos. Esse tempo viu um acentuado foco no consumismo, valorizando o material em detrimento do espiritual. Em meio a esse cenário, em 1985, Madonna introduziu "Material Girl" em seu segundo álbum de estúdio, "Like a Virgin".

O videoclipe da canção, que retrata Madonna em um traje glamoroso, recriando a célebre cena de Marilyn Monroe em "Os Homens Preferem as Loiras", alcançou sucesso imediato. A produção se ambienta em um estúdio de filmagem, onde Madonna, adornada com um vestido rosa, joias brilhantes e luvas longas, assume o papel de uma diva do

cinema, rodeada por homens em trajes de gala. O uso do rosa no vestido e a atmosfera de glamour são referências diretas à cena protagonizada por Marilyn Monroe.

A análise da figura 1 permite observar os momentos em que Madonna homenageia a estrela de Hollywood, demonstrando a intenção da artista em evocar e, simultaneamente, questionar as representações de feminilidade e sucesso associadas à figura de Monroe. Este videoclipe não só solidificou a presença de Madonna no imaginário cultural como também contribuiu para um diálogo mais amplo sobre as expectativas de gênero e a crítica ao materialismo exacerbado.

Figura 1- Comparativo entre o filme “Os Homens Preferem as Loiras”, de Marilyn Monroe e o vídeo “Material Girl” de Madonna.



Fonte: Madonna Blows Chunks, 2021.

Na análise da figura 1, identifica-se que Madonna e seus dançarinos executam uma coreografia que foi rigorosamente preparada, encontrando-se no centro das atenções de indivíduos masculinos que demonstram fascínio por sua figura, ofertando-lhe presentes considerados de alto valor na tentativa de conquistar sua afeição. Esta cena traduz de forma explícita o conceito de "Material Girl" ou "Garota Materialista".

Em um segundo plano narrativo do videoclipe, introduz-se um enredo no qual um diretor de cinema, interpretado pelo ator Keith Carradine, aspira a captar a atenção de Madonna não por meio de demonstrações de riqueza, mas por gestos de sinceridade. Observa-se esse diretor no ambiente de filmagem, percebendo Madonna imersa em um contexto de luxo, e opta por uma abordagem distinta para interagir com ela. Em um determinado momento, ele simula ser vítima de um atropelamento como estratégia para atrair seu olhar. A sequência culmina com ambos deixando o local juntos, insinuando que os valores apreciados pela personagem de Madonna transcendem o material.

A princípio, o videoclipe pode ser interpretado como uma exaltação ao materialismo. Contudo, uma análise mais atenta revela uma camada de ironia e crítica social. O trabalho desafia a noção de que o interesse feminino se resume ao acúmulo de riquezas, ao mesmo tempo em que explora e amplifica tal estereótipo. Madonna, por um lado, parece indulgir-se no universo do luxo e ostentação, enquanto, por outro, critica as percepções sociais preestabelecidas acerca de mulheres, riqueza e autoridade.

A dualidade presente no vídeo — a personificação da "garota materialista" nas cenas de filmagem em contraste com a trama romântica paralela — propõe uma reflexão sobre autenticidade *versus* persona. Questiona-se a distinção entre realidade e atuação, tanto na vida de figuras públicas quanto nas interações humanas de forma ampla.

Embora o rótulo de "Material Girl" tenha sido atribuído a Madonna, frequentemente a contragosto, isso não reduziu o impacto do videoclipe, que se mostrou multifacetado em sua influência: consolidou Madonna não apenas como uma estrela pop, mas como uma figura importante e crítica da cultura contemporânea; os estilos e vestuários apresentados no videoclipe adquiriram reconhecimento imediato, influenciando a moda da época e servindo de inspiração para recriações em décadas subsequentes; e, finalmente, Madonna utilizou o vídeo como meio para contestar normativas sociais e estereótipos de gênero, posicionando-se não como uma figura passiva, mas como a protagonista ativa, detentora do controle sobre seu destino e seus desejos.

Madonna é um foco de genuína contradição. De um lado, promove o feminismo, mas algumas de suas imagens contradizem as críticas feministas às questões da feminilidade, da beleza, da reificação das mulheres, etc. De outro, Madonna sanciona a rebeldia e a construção individual da imagem e da identidade, embora o modo como realiza sua rebeldia seja a dos modelos da moda e da indústria do consumo (Kellner, 2002, p. 375).

Após a divulgação do videoclipe "Material Girl", observou-se uma transformação gradativa na cultura pop. Tanto artistas emergentes quanto estabelecidos passaram a reconhecer o videoclipe não apenas como um veículo promocional, mas também como uma plataforma para narrativa e expressão artística. A década de 1980, já marcada pela influência da MTV, testemunhou um incremento tanto na produção quanto na qualidade dos videoclipes, com "Material Girl" situando-se como um dos precursores nesse movimento. O trabalho estabeleceu um novo patamar de produção e serviu de inspiração para gerações futuras de artistas, evidenciando a sinergia essencial entre a música e a componente visual.

Além do âmbito musical, o impacto de "Material Girl" reverberou em diversas esferas, incorporando o termo ao vocabulário comum para designar mulheres que priorizam aspectos materiais em detrimento dos emocionais ou espirituais. Contudo, este conceito também foi reavaliado como um símbolo de empoderamento, com muitas mulheres jovens reinterpretando o significado de ser uma "Material Girl", transmutando-o de uma conotação superficial para um emblema de independência e autossuficiência.

Madonna, embora tenha manifestado desconforto com o rótulo de "Material Girl" em diversas ocasiões, nunca renunciou à sua capacidade de instigar e questionar normativas sociais. Em seu período inicial, emergiu como um ícone de resistência contra padrões convencionais, promovendo valores de individualidade e autenticidade por meio de sua estética e conduta. As contínuas transformações em sua apresentação visual e identidade sublinham a fluidez e inovação no campo da autoexpressão.

A natureza camaleônica de Madonna, evidenciada por alterações frequentes e, em alguns casos, radicais em sua imagem e abordagem, ressalta uma compreensão histórica de que identidade, moda e sexualidade são construções sociais, passíveis de serem reinterpretadas e remodeladas de acordo com as variações e circunstâncias culturais. Douglas Kellner, em sua obra "Media Spectacle" (2002), destaca esses elementos, enfatizando a capacidade da mídia e das figuras públicas, como Madonna, em desafiar e redefinir constantemente essas construções em um ciclo contínuo de inovação e reconfiguração.

Madonna sancionava a rebeldia, o inconformismo, a individualidade e a experimentação com um jeito de se vestir e de viver. Suas constantes mudanças de imagem e identidade preconizavam a experimentação e a criatividade nesses campos. Suas transformações, às vezes drásticas em matéria de imagem e estilo, indicavam que a identidade, a moda e a sexualidade são um constructo social, algo que, produzido por nós pode ser modificado à vontade (Kellner, 2002, p. 341).

A religiosidade no centro: a polêmica Like a Prayer.

No disco *Like a Prayer*, de 1989, vemos um claro amadurecimento de Madonna tanto na arte quanto na música, o que é ressaltado nos videoclipes desse álbum. Seu físico reflete essa transformação, indo de um aspecto mais natural para uma forma tonificada, fruto de exercícios intensivos e dieta estrita. As vestimentas *flash-trash*, que combinavam diversos estilos, crucifixos, óculos *punk* e luvas sem dedos, dão lugar a trajes de alta-costura.

As jogadas artísticas, indumentárias e identitárias de Madonna chamam atenção para o fato de que a cultura de massa é marcadamente comercial e que é preciso pensar estratégias de posicionamento para artistas neste âmbito. Um dos interesses que recaem sobre Madonna é como ela conseguiu construir uma marca enquanto posicionamento de mercado que perdura até os dias de hoje (Santos; Soares, 2014, p. 4).

Lançado em 1989, o álbum "Like a Prayer" é frequentemente citado como um marco decisivo na trajetória de Madonna, simbolizando sua transição de ícone pop para uma artista de reconhecida seriedade e profundidade. A gênese do álbum e os eventos que antecederam sua produção ilustram de maneira elucidativa a evolução artística de Madonna.

Segundo Lucy O'Brien (2008), no final da década de 1980, Madonna já havia alcançado o status de megaestrela global, mas enfrentava períodos de turbulência em sua vida pessoal. Em 1987, concluiu um casamento conturbado com o ator Sean Penn, e encontrava-se em um momento de reflexão sobre as complexidades associadas à fama e à vida pública.

Após sucessos como "Madonna", "Like a Virgin" e "True Blue", que consolidaram sua posição no cenário pop, Madonna buscou evoluir musicalmente, distanciando-se de uma imagem pop superficial em busca de reconhecimento como uma artista de substância e introspecção.

Essa fase de introspecção, impulsionada por desafios pessoais e aspirações artísticas, refletiu-se na composição de suas letras, que passaram a adotar um caráter mais confessional. Temas como o divórcio de Sean Penn, a complexa relação com seu pai e suas reflexões sobre a educação católica tornaram-se centrais em suas músicas.

A faixa-título "Like a Prayer" aborda temas religiosos e usa imagens que provocaram controvérsias, especialmente em seu videoclipe. Para a produção da música, Madonna colaborou com Stephen Bray e Patrick Leonard, com quem já havia trabalhado

anteriormente. Diferentemente dos projetos anteriores, a abordagem para "Like a Prayer" foi mais orgânica, explorando diversos gêneros musicais.

"Like a Prayer" pode ser interpretada como uma narrativa sobre uma profunda experiência espiritual, mas sua letra apresenta uma ambiguidade que mescla o espiritual ao erótico, o que contribuiu para seu aspecto intrigante e, para alguns, controverso.

O videoclipe de "Like a Prayer", carregado de simbolismo e narrativas complexas, tornou-se um dos mais debatidos na carreira de Madonna. O vídeo inicia com uma cena que estabelece um diálogo sobre injustiça racial e preconceito, seguindo para a entrada de Madonna em uma igreja, onde a fusão do sagrado com o profano e a interação entre o humano e o divino são temas recorrentes.

Este período na carreira de Madonna não só evidencia sua disposição em confrontar e questionar normas sociais, mas também destaca sua capacidade de utilizar a música e o videoclipe como veículos para comentários sociais e culturais. Douglas Kellner, em "Media Spectacle" (2002), ressalta a importância de figuras públicas como Madonna na redefinição de construções sociais através da mídia, uma perspectiva que "Like a Prayer" exemplifica notavelmente.

Figura 2-Cena do vídeo "Like a Prayer" de Madonna.



Fonte: MADONNA. Like a Prayer. YouTube, 2009.

Na análise da figura 2, que retrata um momento específico do videoclipe "Like a Prayer", destaca-se a utilização de cruzes em chamas, uma imagem repleta de conotações controversas e potencialmente provocativas. Tal simbologia pode remeter a episódios sombrios associados ao racismo histórico nos Estados Unidos, particularmente os atos

perpetrados pelo *Ku Klux Klan*. Contudo, a abordagem de Madonna subverte essa simbologia, empregando-a como um manifesto de resistência e reivindicação de justiça.

No videoclipe, Madonna, trajando preto e acompanhada por um coro gospel, engaja-se em uma performance coreográfica marcada por intensidade e expressividade dentro de um contexto eclesiástico. A presença da dança e do coro gospel funciona como um elemento de contraste em relação ao caráter grave da narrativa proposta, operando como veículos para a elaboração e enfrentamento coletivos de experiências de dor e injustiça.

Ao término do videoclipe, a narrativa conduz a cantora de volta ao local do crime inicialmente testemunhado, onde ela opta por confrontar a injustiça observada. Ao apresentar-se às autoridades para esclarecer os fatos como verdadeiramente ocorreram, propicia-se a libertação do homem negro injustamente acusado, simbolizando um ato de redenção. O videoclipe sugere que a coragem de enfrentar a verdade, apesar de seu potencial doloroso, constitui um caminho para a cura e reconciliação.

Lucy O'Brien (2008), na biografia não autorizada de Madonna, aborda um episódio relevante à época do lançamento do videoclipe, referente a um contrato comercial firmado entre Madonna e a Pepsi. O acordo previa a utilização da música "Like a Prayer" em um comercial que retrataria cenas da infância da artista e sua ascensão ao estrelato. Entretanto, a exibição do videoclipe desencadeou reações adversas por parte de grupos religiosos e do público em geral, que, surpreendidos e em alguns casos ofendidos pelo conteúdo apresentado, acusaram Madonna de blasfêmia e uso inapropriado de elementos religiosos. A controvérsia ocasionou a Pepsi a retirar o comercial de circulação e a rescindir o contrato com a artista, ainda que Madonna tenha retido os lucros advindos do acordo. Apesar das reações negativas, o videoclipe "Like a Prayer" consolidou-se como um dos mais emblemáticos da carreira de Madonna, ilustrando sua disposição para provocar e desafiar convenções sociais e religiosas.

O erótico e a quebra de paradigmas

No início da década de 1990, observa-se uma subsequente transformação na persona de Madonna. Entretanto, sua projeção continuou a desafiar as convenções das representações sexuais, consolidando-a como um ícone da liberação sexual. Tal postura atraiu a atenção de segmentos específicos da população, como a comunidade LGBTQ+ e acadêmicos, que buscaram analisar e interpretar as nuances de suas imagens e letras.

Obras como "*Justify my Love*", "*Erotica*" e o livro "Sex" surgiram como símbolos desta fase de desconstrução de paradigmas e reinterpretação de códigos de sexualidade.

"*Erotica*", lançado em 1992, não apenas reflete a evolução musical e artística de Madonna, mas também é um testemunho do *zeitgeist* da época, abordando questões de sexualidade, identidade e feminismo de uma maneira que poucos artistas haviam tentado anteriormente.

Lucy O'brian (2008) pontua que Madonna já havia solidificado seu lugar como a Rainha do Pop no final dos anos 80, graças aos sucessos de álbuns anteriores como *Like a Virgin*, *True Blue* e *Like a Prayer*. Porém, em vez de seguir uma fórmula comprovada, ela optou por desafiar novamente as expectativas do público. No período que antecedeu a gravação de *Erotica*, Madonna se envolveu em diversos projetos que destacaram fascinação pela exploração e expressão aberta da sexualidade.

A faixa-título, que se tornou um dos singles, apresenta a artista assumindo o alter ego "Dita", inspirado na atriz Dita Parlo, enquanto ela sussurra letras provocantes sobre desejo e poder. O videoclipe de *Erotica*, lançado em 1992, é uma extensão visual dos temas ousados e provocativos explorados por Madonna em seu álbum homônimo. A combinação de imagens, narrativa e simbolismo faz deste vídeo uma peça central na era "*Erotica*", representando a jornada da artista ao explorar a sexualidade e suas muitas facetas.

O vídeo inicia com um rosto parcialmente velado e uma voz distintiva, posteriormente identificada como pertencente ao alter ego de Madonna, Dita, que assume o papel de narradora provocante. O emprego de uma máscara e o tom íntimo estabelecem de imediato um clima de mistério e atração.

À medida que o vídeo progride, é revelada a escolha estética por uma abordagem que remete a filmagens caseiras, instaurando uma atmosfera *voyeurística*, como se convidasse o espectador a testemunhar momentos íntimos e reservados.

Figura 3- Cena do vídeo “Erotica” de Madonna.



Fonte: MADONNA. Erotica. YouTube, 2009.

A figura 3 traz um close no rosto de Madona enquanto ela canta o refrão de “Erótica”. O diretor e fotógrafo de moda Fabien Baron optou por gravar partes do o clipe preto e branco que remetem aos filmes dos anos 20 e 30, apresentando cenas eróticas e lúdicas que lembram tanto o cabaré quanto os primeiros filmes pornográficos.

O vídeo não se restringe a uma única narrativa linear. Em vez disso, é composto por uma série de vinhetas que exploram diferentes aspectos do desejo. Em algumas cenas, Madonna é a dominadora, controlando e dirigindo a ação ao seu redor. Em outros momentos, ela parece mais vulnerável, explorando sua própria sexualidade de uma forma mais introspectiva. Esta dinâmica de poder em constante mudança desafia noções tradicionais sobre feminilidade e desejo, sugerindo que a sexualidade não é estática, mas fluida e multifacetada.

Madonna é a verdadeira feminista. Ela denuncia o puritanismo e a sufocante ideologia do feminismo americano, empacado num estilo de lamúria adolescente. Madonna ensinou as jovens a serem plenamente fêmeas e sexuais quando ainda têm controle de suas vidas. Ela mostra às garotas como serem atraentes, sensuais, enérgicas, ambiciosas, agressivas e engraçadas – tudo ao mesmo tempo (Paglia, 1993, p.16).

Um dos aspectos mais comentados do videoclipe é a inclusão explícita de elementos como disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo. Cenas de bondage, chicotes, e jogos de dominação são intercalados ao longo do vídeo, muitos dos quais são acompanhados pela voz sussurrante de Dita. Estas imagens foram polêmicas na época, levando muitos a acusar Madonna de glorificar práticas pervertidas. No entanto, em retrospecto, pode-se argumentar que a inclusão destas imagens foi uma tentativa de Madonna de trazer subculturas sexuais à luz e desafiar tabus sociais.

De acordo com Ana Lúcia Lima da Costa Schmidt (2021) a reação ao álbum *Erotica* e ao livro *SEX* foi polarizada. Enquanto muitos críticos aplaudiram a audácia de Madonna e sua capacidade de desafiar normas culturais, outros a acusaram de obscenidade e de tentar chocar puramente pelo choque. Havia uma sensação generalizada de que Madonna havia cruzado uma linha. Esta divisão foi evidente não apenas entre críticos e público, mas também entre varejistas, muitos dos quais se recusaram a estocar o livro "SEX".

Mas além da sensualidade aberta, o álbum também abordava temas mais sombrios. Canções como *Bad Girl* falavam de arrependimento e autodestruição, enquanto *In This Life* era uma meditação sobre a morte de amigos próximos de Madonna, muitos dos quais vítimas da AIDS.

O reencontro com a Disco Music

Antes do lançamento de "Confessions on a Dance Floor", a carreira musical de Madonna caracterizava-se pela exploração de diversos gêneros, transitando do pop característico de seus primeiros trabalhos até incursões pelo Techno e eletrônica em "Ray of Light", além de adotar um tom mais introspectivo e com ênfase em instrumentação de guitarra em "American Life". No início dos anos 2000, mudanças significativas na indústria musical, incluindo a emergência da música digital, a redução nas vendas de formatos físicos e o aumento da popularidade da cultura de casas noturnas, influenciavam o cenário musical. Nesse contexto, Madonna decidiu revisitar as influências dance de suas origens musicais, propondo-se a elaborar um álbum que homenageasse a música de pista de dança.

Madonna identificou uma tendência de nostalgia em relação aos clubes disco das décadas de 1970 e 1980, assim como um apreço pela cultura clubística original, que priorizava a música e a experiência coletiva da dança. Com a intenção de produzir um álbum com transições fluidas entre as faixas, simulando a experiência de uma noite ininterrupta em uma discoteca, Madonna buscou inspiração tanto nos clubes clássicos quanto nos contemporâneos clubes europeus, especialmente em Ibiza, notáveis por seus longos sets de DJ.

Conforme apontado por Eduardo Rodrigues (2015), para viabilizar essa concepção, Madonna retomou a parceria com o produtor britânico Stuart Price. Em contraponto às produções anteriores, mais densas e com conteúdo político em "American Life", a colaboração entre Madonna e Price para "Confessions on a Dance Floor"

privilegiou uma abordagem sonora mais leve e positiva, integrando elementos da disco music, electro e pop dos anos 1980.

Confessions on a Dance Floor é um álbum tipicamente dançante sem nenhuma balada na sua setlist, foi feito para ser escutado sem pausa. O foco de Madonna era trazer um som tipicamente radiofônico em suas 12 faixas, estratégia que a colocaria de volta ao topo das paradas mundiais, mas mostraria mais uma vez a sua capacidade de reinvenção. Outro objetivo era retomar a popularidade da cantora, e por isso ela recorreu aos momentos em que decolou na sua carreira: as músicas com teor dance (Rodrigues, 2015, p.13).

Hung Up é a faixa mais popular do álbum *Confessions on a Dance Floor* de Madonna, lançado em 2005. Musicalmente, a canção se destaca pelo uso do sample de *Gimme! Gimme! Gimme! (A Man After Midnight)* do ABBA, um hit dos anos 70. No entanto, mais do que um mero exercício nostálgico, a letra de *Hung Up* oferece uma introspecção profunda sobre a passagem do tempo, o amor e a busca da aceitação.

O refrão da canção versa sobre a lenta passagem do tempo para aqueles que esperam por algo ou alguém. Esta é uma reflexão sobre a ansiedade e impaciência que muitas vezes sentimos em nossas vidas, seja esperando por um amante, uma oportunidade ou uma mudança. O tempo é retratado como uma entidade implacável, algo que não pode ser controlado ou negociado.

É Madonna explorando, inteligentemente, a sua zona de conforto: a pista de dança. Toda a construção diferenciada do álbum reflete que a necessidade de retornar aos “charts” a qualquer custo é uma primazia da indústria fonográfica: um artista que está no topo das vendas é sinônimo obrigatório de qualidade e consequentemente será mais consumido. Isso pode explicar, por exemplo, o fato de Madonna ter demorado apenas dois anos para lançar *Confessions on a Dance Floor*, já que é sabido que ocorre muita pressão da gravadora nesses trâmites porque a imagem do artista tende a ficar atrelada ao álbum anterior (Rodrigues, 2015, p.14).

A canção também se aprofunda nos desafios dos relacionamentos. Madonna canta sobre dar todo o seu amor a alguém, mas ainda se sentindo rejeitada. A cantora, conhecida por sua força e independência, insinua a importância de reconhecer o próprio valor e não permitir que outros ditem nossa felicidade.

O produto dirigido por Johan Renck, é uma homenagem à cultura dance e à expressão através do movimento, mesclando elementos de nostalgia e modernidade. Ele combina coreografias marcantes, cenários variados e simbolismos que se aprofundam nos temas da canção.

O vídeo clipe inicia com a imagem de um relógio, ecoando o tema do tempo que é tão proeminente na letra da canção. Madonna é vista em um estúdio de dança, vestindo um collant rosa e meias arrastão, remetendo à imagem de uma dançarina clássica, como podemos observar na figura 4.

Figura 4- Cena do vídeo “Hung up” de Madonna.



Fonte: MADONNA. Hung Up. YouTube, 2009.

Na análise da imagem 4, identifica-se que o diretor Johan Renck enfoca aspectos físicos específicos da cantora, nomeadamente os membros inferiores, enquanto ela realiza gestos com as mãos, aspecto recorrente em sua videografia que remete à temática da sensualidade.

A estética do videoclipe evolui para incorporar elementos visuais mais contemporâneos e urbanos, exemplificados pelo uso de botas de plataforma e uma jaqueta preta por Madonna. Observa-se um diálogo entre o tradicional e o moderno, não apenas no vestuário, mas também nos cenários variados, que incluem ruas urbanas, uma lanchonete e um clube noturno, refletindo um tema recorrente de contraste.

A coreografia constitui um elemento central do videoclipe, com Madonna demonstrando competência na dança e apresentando movimentos que são acessíveis para reprodução. O videoclipe se caracteriza pela inclusão de diversos estilos de dança, abrangendo desde o *breakdance* até a dança contemporânea, evidenciando a diversidade da expressão corporal.

Cenas de dançarinos realizando movimentos acrobáticos em uma lanchonete e outros dançando espontaneamente em espaços públicos, como ruas e metrô, intercalam-

se com momentos de Madonna dançando em um estúdio, sugerindo uma interconexão entre a dança enquanto forma de arte estabelecida e as manifestações mais espontâneas presentes na cultura urbana.

Elementos simbólicos adicionais permeiam o videoclipe, como o recorrente piscar de relógios, aludindo à temática lírica da música que contempla a passagem do tempo e a experiência da espera. O videoclipe também destaca a noção de comunidade, demonstrada pela união de indivíduos de diferentes idades, etnias e origens, juntos pela música e dança, especialmente na sequência do clube noturno.

Hung Up emerge como uma obra que celebra a dança e a expressão humana, mesclando influências estéticas retrô e contemporâneas, e refletindo a habilidade de Madonna em transitar entre diferentes eras e estilos. O videoclipe não apenas complementa a música, mas também oferece uma exploração visual que aprofunda os temas da obra, ressaltando a dança e a música como forças capazes de transcender divisões e fomentar a união.

Dark Ballet: Simbolismo e provocação.

Mais de uma década após o lançamento de "Hung Up", a obra videográfica de Madonna continua a ser objeto de análise e debate, exemplificado pelo videoclipe de "Dark Ballet" do álbum "Madame X".

O videoclipe inicia-se com uma citação de Joana d'Arc, "Eu não vou ceder à acusação de heresia", estabelecendo imediatamente os temas de perseguição, resistência e fé para a narrativa visual. A introdução da figura histórica de Joana d'Arc, condenada por heresia, prenuncia uma exploração de injustiça, marginalização e a luta contra opressões.

Mykki Blanco, artista transgênero e queer, interpreta Joana d'Arc, trazendo à tona questões contemporâneas de transfobia e homofobia. A representação de Blanco em uma cela, retratando o sofrimento e o conflito interior, ressoa com as experiências de indivíduos marginalizados pela sociedade atual.

À medida que o vídeo se desenvolve, são apresentadas várias imagens religiosas, com a cruz como símbolo recorrente, remetendo à devoção de Joana d'Arc e ao papel significativo da religião em sua vida e execução. Essas referências não somente evocam a história de Joana d'Arc, mas também comentam sobre o uso dual da religião como fonte de inspiração e instrumento de opressão.

Em uma cena particular, observada na figura 5, a execução de Blanco, representando Joana d'Arc, na fogueira pode simbolizar os julgamentos enfrentados por muitos na comunidade LGBTQ+, evidenciando o paralelo entre o martírio histórico e as perseguições contemporâneas contra minorias sexuais e de gênero.

Figura 5- Cena do vídeo “Dark Ballet” de Madonna.



Fonte: MADONNA. Dark Ballet. YouTube, 2019.

Na produção do videoclipe "Dark Ballet", Madonna assume uma participação discreta, limitando sua presença visual, o que se pode interpretar como uma decisão deliberada para enfatizar a mensagem do vídeo e a atuação de Mykki Blanco. Esta escolha sugere uma intenção de priorizar a temática abordada sobre a figura da artista.

A recorrência de simbologia religiosa é um aspecto notável no conjunto da obra de Madonna. "Dark Ballet" se distingue pelo uso da religião não apenas como elemento estético, mas como parte de uma discussão mais ampla que visa questionar e reexaminar conceitos previamente estabelecidos. Através da inclusão de questões religiosas, o vídeo propõe uma análise que transcende a superficialidade, engajando-se em um diálogo interseccional que abrange sexualidade, identidade de gênero e crenças religiosas.

Essa perspectiva interseccional, que entrelaça sexualidade, identidade de gênero e espiritualidade, posiciona Madonna como uma figura proeminente na evolução da videografia musical. Mesmo ao tratar de temas recorrentes em sua carreira, a abordagem adotada por Madonna se destaca por sua capacidade de provocar reflexão, apresentando-se como renovada e desafiadora, ao explorar dimensões tanto atemporais quanto historicamente contextualizadas.

Considerações finais

Madonna é reconhecida por sua contribuição significativa à música pop, marcando a indústria com sua abordagem inovadora desde o início de sua carreira na década de 1980. Seus videoclipes, além das composições musicais, desempenham um papel central em sua expressão artística, funcionando como plataformas para narrativas visuais que acompanham e, ocasionalmente, ampliam o conteúdo lírico de suas músicas. A partir de produções iniciais como Lucky Star e Material Girl, Madonna consolidou sua posição como uma artista que transcende a performance musical para incorporar elementos de narrativa em seus videoclipes, empregando simbolismo, metáforas e enredos que dialogam com as temáticas de suas canções.

Por meio de trabalhos como Like a Prayer, a artista engajou-se em discussões envolvendo religião e questões raciais, provocando reações de grupos religiosos. Em videoclipes como Erotica e Justify My Love, Madonna abordou a sexualidade de maneira direta, uma abordagem até então pouco explorada por outros artistas. Seus trabalhos frequentemente destacam temas de empoderamento feminino, autonomia e independência, seja questionando a cultura materialista em Material Girl ou celebrando a expressão da sexualidade feminina em Hung Up.

Referências

AUMONT, J. *A estética do filme*. Campinas: Papyrus, 1995.

BRANDINI, Valéria. Panorama histórico – MTV Brasil. In: PEDROSO, Maria Goretti; MARTINS, Rosana. *Admirável Mundo MTV Brasil*. São Paulo: Saraiva, 2006.

CANO, Marcio Rogerio de Oliveira (coord.) *A Reflexão e a pratica no ensino*. São Paulo: Blucher, 2012.

FRIEDLANDER, Paul. *Rock and roll: uma história social*. Ed. 2. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GASPARELLI, Luiz Guaracy Jr. Mosaico e hipertexto nos videoclipes Vogue, de Madonna. *Revista de estudos e linguagem e tecnologia*, v.2, n.1, 2009. Disponível em: <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/10/125> . Acesso em: 5 fev. 2024.

KELLNER, Douglas. *Media Spectacle*. Londres: Routledge, 2002.

MADONNA. Dark Ballet. YouTube, 6 jun. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Uagw4zser8>. Acesso em: 10 jan. 2024.

MADONNA. Erotica. YouTube, 26 out. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WyhdvRWEWRw>. Acesso em: 5 jan. 2024.

MADONNA. Hung up. YouTube, 26 out. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EDwb9jOVRtU>. Acesso em: 25 jan. 2024.

MADONNA. Like a Prayer. YouTube, 26 out. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=79fzeNUqQbQ>. Acesso em: 22 jan. 2024.

MADONNA. Material Girl. YouTube, 25 ago. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6p-IDYPR2P8>. Acesso em: 11 jan. 2024.

MADONNA Regularly Ripped Off Marilyn Monroe. *Madonna Blows Chunks*, out. 2021. Disponível em: <https://mbcantim.wordpress.com/madonna-is-unoriginal-index-page/madonna-regularly-ripped-off-marilyn-monroe/>. Acesso em: 5 fev. 2024.

MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. Lisboa: Dinalivro, 2005.

O'BRIAN, Lucy. *Madonna 50 Anos: A Biografia do Maior Ídolo da Música Pop*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

PAGLIA, Camille. *Sexo, Arte e Cultura Americana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RODRIGUES, Eduardo. Confissões da Indústria Musical: Madonna e a Arte de se Reinventar. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, XVII, 2015, Natal. *Anais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*. Natal: Intercom, 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1675-1.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2024.

SANTOS, Bárbara; SOARES, Thiago. As Contradições do Feminino no Videoclipe “Express Yourself” de Madonna. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 2014, João Pessoa. *Anais Eletrônicos XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*. João Pessoa: Intercom, 2014. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0636-1.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2024.

SCHMIDT, A.L.L.C; MOZER, C. C. S; PADILHA, L. M; TELES, L. E. Erotica: um impacto na sociedade e a suposta conquista de liberdade das mulheres. *REVISTA TRANSFORMAR*, Itaperuna (Rio de Janeiro), v. 12, n. 2, p. 120-128, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/anala/Downloads/636-1370-1-SM.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2024.

Artigo recebido em 28/09/2023

Aceito para publicação em 28/02/2024